

Da clínica extensa à alta teoria:

a história da psicanálise como resistência à
psicanálise

Fabio Herrmann

Depois de Freud, o movimento psicanalítico especializou-se na clínica. Sua crise atual guarda certa analogia com a crise do verso clássico, que deu azo ao poema de Mallarmé *Un coup de dés...*

*Une insinuation / simple / au silence /
ou / le mystère / précipité /
dans quelque proche / tourbillon d'hilarité et d'horreur*
Mallarmé

Em Freud, a Psicanálise ocupava uma área muito maior que a terapia de consultório; depois, dentro do movimento psicanalítico, não se expandiu, encolheu. A teoria psicanalítica, por seu lado, adaptou-se à prática, transformando-se em psicologia individual, e à formação, dividindo-se em sistemas doutrinários escolásticos. (...) Os mesmos acordos políticos que determinaram os cen-

tros do poder psicanalítico convencionaram a extensão permissível da clínica e, por tabela, o nível de sua teorização, definindo assim a clínica padrão e a teoria padrão. (...) Hoje, a crise da clínica padrão força mesmo os grupos mais recalcitrantes a praticarem uma clínica extensa, que se assenta, porém, equivocadamente, nas teorias padrão das escolas, ou, com certa frequência, numa versão destas, ainda mais simplificada; quando, ao contrário, a clínica extensa exige um grau mais

Fabio Herrmann é psicanalista e professor da PUC/SP. Este é o texto de abertura de um curso intitulado *Da clínica extensa à alta teoria*, que consiste numa série de meditações sobre a clínica psicanalítica e que se realiza simultaneamente na SBPSP, no Instituto de Psicanálise e na pós-graduação da PUC/SP.

elevado de teorização: a “alta teoria” – a região que, da metapsicologia, se estende para cima até o método psicanalítico.

Un coup de dés jamais n'abolira le hasard, o célebre poema de Mallarmé, poderia servir de epígrafe a toda a literatura do Século XX. Que seja ele, a tal título, nosso guia nesta meditação sobre *A história da psicanálise como resistência à Psicanálise*, que deve ressaltar sua estreita relação com a literatura – seu reino análogo¹.

Entenda-se aqui por *guia*, em primeiro lugar, a figura mesma de um guia, ou *Mestre (capitão*, num sentido antigo e desusado), de que

sões e dúvidas sobre o destino de nossa ciência artística, a Psicanálise, neste momento de naufrágio e de esperança. Chegará a se constituir como ciência da psique, *durando o que dura a cultura que a concebeu*, ou sucumbirá em poucas gerações, enquanto procedimento terapêutico datado?

J. Rancière assim resume a ambientação fundamental do poema: *o curso da nave poética no oceano da época*. A nós interessa sobretudo o curso da nave psicanalítica, que não é, porém, tão diverso do outro a ponto de recusar o paralelo. Os incidentes, os gostos e preconceitos de nossa época são o que ela

o capitão, completamente determinado, para que o acaso possa indeterminar o trajeto provisório, sem que se perca o rumo da realização futura, seu *horizonte de vocação*. Recordemos que o poema, *Um lance de dados...*, compreende o naufrágio mais que como simples possibilidade. *JAMAIS / mesmo quando lançado em circunstâncias eternas / do fundo de um naufrágio...* – assim começa Mallarmé.

Como naufraga a Psicanálise? Pelo catastrófico estreitamento de seu âmbito de direito, de seu horizonte de vocação. De tal forma se impôs a clínica padrão de consultório, que os analistas a ela se limitaram depois de Freud, e em seguida a exalçaram como um dos mais elevados modos espirituais do homem, aquele que funde saber e sentir: o pensamento do desejo. Certos e errados a respeito. A Psicanálise é a lógica da paixão e pode vir a constituir a ciência da alma humana, com efeito, mas o discurso que louva a prática de consultório, uma dentre as muitas raízes do arbusto atual de nossa *ainda não ciência*, procura antes de tudo elevar o analista a seus próprios olhos, há que o confessar. No processo de estreitamento, a clínica padrão soube criar uma teoria que só a ela diz respeito, e tal fórmula técnica subsumiu uma teoria do aparelho psíquico, feita nos moldes da clínica padrão e apenas exemplificada pela clínica padrão: o homem, uma projeção do divã, o único bípede a andar deitado. Em especial, a análise didática – a *Lehranalyse* de cada grupo psicanalítico – alcançou o êxito tocante de conseguir implantar nos analistas em formação a personalidade teórica da escola em que se realiza, tanto seu aparelho psíquico, quanto sua peculiar teoria do desenvolvimento, convertida em história universal do homem e em receita interpretativa. Essa forma de construção de teoria garantiu que apenas a clínica padrão se pudesse praticar, enquanto sua prática garantia

A psicanálise é a
lógica da paixão, mas o discurso
que louva a
prática do consultório eleva o
analista a
seus próprios olhos.

trata o poema, aquele que conduz a travessia da incerteza, sem dispor de maiores garantias do destino, que a forçosa ousadia de lançar os dados. Em segundo lugar, o próprio poema constitui um guia, pois seria preciso – ainda que inimaginável – alcançar sua lógica dramática, caso quiséssemos exprimir com justiça a infinidade de lacunas, suspen-

tem de atravessar; sendo a massa que seu casco desloca, eles a sustentam, tal como a resistência do campo a romper sustenta a interpretação, e a cada momento determinam as peripécias da nau. Contudo, para que seu curso se mantenha, é preciso vencê-los, mesmo ao risco de um naufrágio. O piloto deve estar firme ao leme até à exaustão e

a exclusividade teórica, feitas uma para a outra e ambas se provando reciprocamente. Estava criado o *fato clínico*, como se diria *un fait accompli*. A isso temos chamado de *circuito de realização*: a convergência entre análise, supervisão e ensino teórico, na formação analítica, outorga realidade ao modelo que se deseja implantar².

O resultado concreto da criação recíproca de cada técnica por sua teoria e de cada teoria por sua técnica foi um impressionante reducionismo. O psiquismo reduziu-se a um aparelho interno, a ciência nascente, a uma terapia, e o movimento, a uma profissão. Não mais talvez que um terço da obra freudiana versará sobre pacientes e sobre como os atender na moldura analítica (*setting*), enquanto uns noventa por cento dos artigos publicados em nossas revistas especializadas resumem-se a essa aplicação certamente nobre – aplicação que, a propósito, nega sua qualidade de aplicação do método psicanalítico, relegando todas as demais operações do método a tal posição, que se reputa secundária. Por fim, a resistência que faz soçobrar nossa nave construiu-se com tanta sabedoria que foi minando até mesmo a linguagem em que seria possível expressar suas limitações. Se dizemos que no consultório se pratica *psicoterapia*, logo nos acusarão de impropriedade e má intenção, se dizemos que se pratica *psicanálise*, teremos de escutar: *e então, não é o que eu dizia?* Como exprimir, na fala, a diferença entre psicanálise, a terapia, e Psicanálise, a ciência da alma? Não havendo passagem para a nave psicanalítica entre Cila e Caribdes, entre a clínica emoldurada e a teoria reificada, qualquer prudente Ulisses fará bem em tomar o rumo das rochas moventes do quotidiano, como Joyce o figura em seu romance.

Criou-se assim uma resistência dupla. A dos analistas praticantes contra a ruptura de campo

inerente ao método, por lhes repugnar o gesto generoso que permite que rolem os dados da clínica futura, *usura atávica do lance*, acostumados *ancestralmente a não abrir mão* da moldura, da redução teó-

lançar os dados, sem poder contar com o patrimônio de conhecimentos acumulados para garantir sua decisão, inúteis o astrolábio e o GPS, a moldura e o aparelho psíquico. Daí *le hasard*, o acaso. Ao contrá-

O que praticamos
hoje em nossos consultórios:
psicoterapia ou psicanálise?
A resistência
minou a linguagem em
que seria possível
expressar as limitações do
nosso trabalho.

rica (o chamado *referencial*), da crença no bem sabido Inconsciente, amigo íntimo, de cujas piadas, mesmo que sempre de mau gosto, já conhecemos o desfecho. De outro lado, a justificada resistência dos criadores de psicanálises possíveis, de Joyce a, digamos, Nabokov – ou, menos explicitamente críticos, de Klein a Bion, ou Lacan – contra ser engolidos pela boca desdentada desse mesmo Inconsciente velho de guerra. O Inconsciente, nossa *doença infantil* – como diria Marx do Comunismo –, é a plena expressão de nossa resistência. Reduzindo-o a fato, roubou-o para si a clínica padrão, privou-o de futuro, sufocando no berço os inconscientes possíveis.

No poema de Mallarmé, é o Mestre quem conta com um momento derradeiro, tempo justo de

rio do capitão mercante – que, por convencional dever de ofício, afundava com seu navio, talvez para não ter de ressarcir a mercadoria perdida, assim desdenhando todo e qualquer compromisso com o futuro –, o Mestre mallarmeano alça-se impossivelmente do oceano, em sua intolerável lucidez, mas reconhece que toda e qualquer escolha valerá tão-somente como oportunidade aberta ao acaso.

Ao criar a Psicanálise, Freud inventou diversas coisas: um aparelho psíquico, o motor dos instintos, uma história do indivíduo humano, cunhada no modelo da psicologia do desenvolvimento, as melhores fórmulas da cura analítica, etc. Era o Mestre então, jogando seus dados. A história sexual do desenvolvimento, por exemplo, rompia com o cog-nitivismo pueril da psicolo-

gia de seu tempo, seu aparelho psíquico pro-blematizava a soberania da consciência e a miopia da razão – *que nunca soube medir seus limites*, nas palavras de Bataille –, sem cair na cegueira do sentimento, o qual desconhece até o que significa medir. Sua teoria vale, pois, como lance de dados, ou, em nossa expressão, como *ruptura de campo*³. Nós a transformamos em doutrina, passando a acreditar piamente em sua *theoretische Fiktion*. Melanie Klein procurou estender as fronteiras da Psicanálise às brumas da infância primitiva, generalizou o emprego técnico da transferência, num lance magistral que, pode-se dizer, rein-ventou a clínica psicanalítica, e semeou o psiquismo com uma multidão de objetos internos – *eus* em disputa, na tradição aberta pelos trabalhos freudianos de 24 a 27. Nova ruptura de campo, em que, no entanto, fomos levados a pôr fé, não como superação de limites, mas como *fato clínico*. Lacan, o *mestre da falta*, tentou a desreificação mais radical de que se tem notícia, inventando o discurso psicanalítico metafórico, que hoje domina a Psicanálise – no qual, por exemplo, a *castração*, de ameaça horrenda em Freud, transvestiu-se em projeto sublime de aculturação –, mas fomos nós que o repetimos à saciedade, assim reificando em doutrina sua aposta genial. Bion, completando a série dos mestres daqui, apostou na recusa de todos os interpretantes canônicos ao mesmo tempo, mas seu trabalho de sapa converteu-se em cânon. *Em cada ruptura uma doutrina*, eis o lema dos naufragos alegres.

Haverá tempo ainda para salvar nossos Mestres de nós mesmos? Imagino que sim; sob a dura condição, entretanto, de repetir seu gesto fundamental de ruptura, partindo de sua aposta – do *Mestre*, o homem hábil em sua arte –, mais que da doutrina legada. *Legado em desaparecimento*, diz Mallarmé, legado agônico. No naufrágio se-

dimentar que converteu em rocha a clínica padrão e sua correspondente teoria – *faux manoir tout de suite évaporé en brumes* –, os dados que a mão crispada hesita ancestralmente em lançar, não são hoje senão o *homem sem nave*, o próprio método interpretativo. O atual naufrágio da clínica padrão, a que faltam os pacientes e escasseiam os postulantes, é também o *turbilhão de hilaridade e horror que volteia ao redor do abismo*, vale dizer, o *vórtice* da atual *expectativa de trânsito*. Nada mais, nada menos, que uma nova ruptura de campo, que não semearia o pavor, exceto por nossa visceral resistência ao método psicanalítico.

Tratando do alexandrino, o qual suscita *um ouvido dotado de um contador factício, que se rejubila em discernir todas as combinações possíveis de doze timbres*,

tida –, denuncia o abuso de sua *cadência nacional*, cujo uso, *como o da bandeira, deveria ser exceção*. Pois bem, nossa interpretação sucumbiu a seu próprio alexandrino. Tradução metafórica transferencial da relação entre paciente e analista, ao ser transposta a seu domínio de direito, à psique humana em geral, padece da mesma hilária impropriedade de se pôr em decassílabos rimados – nossa cadência tradicional – fala do índio brasileiro. Assim naufraga a interpretação psicanalítica: *antigamente ele empunhava a barra*, a barra divisória do alexandrino, a barra divisória da tradução transferencial, cuja *manobra perdeu-se com o tempo* – sílabas 6/12, frequência 3/4 vezes. O problema do poeta é semelhante ao do psicanalista, embora bem anterior: se desconstruímos, uma a uma, as propriedades acessórias do poema,

O atual naufrágio da clínica-padrão,
a que faltam os pacientes
e escasseiam os
postulantes, é também o
turbilhão de hilaridade e horror que
volteia ao redor do abismo,
vale dizer, o vórtice
da atual expectativa de trânsito.

Mallarmé, em *Crise de vers* – seu *testamento literário*, na expressão ba-

como saber que ainda se trata de poesia, ou, mais grave, que nem

tudo é poesia? O mesmo vale para a interpretação. Retirados os parâmetros secundários, temos de nos haver com o essencial, que é precisamente aquilo de que foge cada um: ser obrigado a declarar o que vem a ser uma interpretação psicanalítica. Despidas as vestes, onde fica o corpo?

Haverá recuperação possível? De novo, quero crer que sim. A condição mesma de seu naufrágio – hoje, quando a clínica padrão torna-se exceção, como a bandeira – indica o caminho aproximado: uma *clínica extensa*, que contemple o homem em seu cotidiano e todas as produções da psique do real. Atenção, porém! De nada vale, e só apressa o desastre, acrescentar biblicamente vinho novo ao odre velho. Do analista formado pelo *circuito de realização* teórico-clínico espera-se uma *metanóia*, não uma mudança de ares ou flexibilização da prática. Pois as teorias escolásticas que lhe foram transmitidas ainda são capazes de sustentar sua clínica padrão, mas fracassam inapelavelmente frente às exigências da interpretação do mundo, coisa que, depois de Freud, raramente se fez e para a qual perdemos a mão.

Que se requer, para dar azo ao acaso? *Hasard*, ou *azar*, do árabe *az-azhar*, como assinala Greer Cohn, apenas quer dizer *jogo de dados*. Logo: *Nenhum lance de dados abolirá o jogo de dados*. A exatidão absoluta é a condição do acaso, Mallarmé o sabia. Em seu poema sobre o acaso, nada, nem o menor espaço em branco é casual. Sabiam-no os grandes enxadristas, que não se equivocavam ao reconhecer que só a mais racional das estratégias pode culminar no risco mágico da combinação, a *possibilidade impossível*, segundo Tartakower. O xadrez, dizem os Grandes Mestres, é um jogo de azar, porque o recusa com todas as forças. Também na Psicanálise não nos entregamos voluntariamente ao acaso nem cortejamos o desejo, nós os enfrentamos

com lógica e rigor, reconhecendo que hão de surgir da derrota da razão, e os tomamos em consideração, já que, na derrota, lhe dão a rota. Por isso, invocamos Mallarmé. O rigor mais absoluto, levado ao extremo inimaginável, é tão-só a

Voltar à sociedade,
à cultura
e sobretudo
à literatura
exige a ruptura
do campo
epistemológico daquilo
que se entende
por ciência.

condição necessária para um lance de dados, para uma interpretação cuja verdade está no vórtice que sobrevém à ruptura – nem assim, porém, constitui uma sólida doutrina do homem psicanalítico, pois *um lance de dados jamais abolirá o jogo de dados*. O poema mais rigoroso de quantos se escreveram, a estratégia mais conseqüente, a interpre-

tação mais precisa, criam apenas a condição: contam, sob tal aspecto, como o triplo agitar da mão antes de rolar os dados, garantia de imparcialidade, não previsão do resultado, se nos dados não há vício. E a teoria resultante não passa de condição do lance seguinte. Eis a imagem justa de nosso trabalho.

A clínica extensa, tal como Freud a criou e a realidade atual multiplicou, não é um mérito, mas um acontecimento. Mérito é preparar-se para ela e aceitá-la graciosamente. Hoje, a metamorfose já começou. Estendida a clínica, já não temos os pacientes habituais. Outras patologias impõem-se, outros suportes da psique não necessariamente individuais, novas modalidades de prática no próprio consultório, algumas, aliás, muito antigas. Voltar à sociedade, voltar à cultura e, sobretudo, voltar à literatura, fonte de nossa ciência – operação que exige a ruptura do campo epistemológico daquilo que se entende por *ciência*. Apegados a este consultório – que também pratico e amo –, estávamos despreparados para sua extensão. Exatamente aqui incide a exigência da *alta teoria*, pois é preciso notar que a clínica extensa não vem da falta de pacientes, mas da quebra do já apontado círculo vicioso *doutrina reificada, clínica-padrão*, pelo acúmulo de pequenas e lentas alterações da realidade social, da psicopatologia, do próprio movimento psicanalítico, daquilo a que se poderia chamar *ambiente epistemológico* etc.

Entendemos, por *alta teoria*, as linhas que medeiam entre o rigor absoluto do método psicanalítico – com seu repertório de conceitos elucidativos: campo, ruptura de campo, expectativa de trânsito, vórtice etc. – e as linhas ocupadas pelas hipóteses especulativas mais gerais a respeito da psique humana, a metapsicologia. Já não é invariável a alta teoria como o método interpretativo, nem tão circunstancial como o aparelho psíquico: é o méto-

do lançado em hipóteses gerativas de psicanálises possíveis. Ou, na crise presente, em cura do naufrágio⁴.

A visão histórica da resistência ao método que aqui lhes apresento já se move no espaço da alta teoria. Talvez convenha dar um exemplo concreto. Retomemos a idéia exposta acima de um *discurso psicanalítico metafórico*, inspirado em Freud, mas inventado e popularizado por Lacan. Quando a *castração* – como

Como os dados que se lançam são a própria vida, num dado momento o Mestre é Ninguém.

se diz, com espantosa intimidade – foi apresentada como *projeto sublime*, perdeu o gume, para ficar na metáfora grotesca. Empregando o mesmo procedimento interpretativo, digamos que o convite teórico a aceitar a castração não difere essencialmente daquela exigência que faz

a mulher a seu marido: *você precisa conversar com seu filho, olhe o que ele fez...* O pai *castra* o filho, sob as ordens da mãe, que com isso, além dele, *castra* também o marido. Se não o posso dominar, que aceite outra autoridade maior, que eu mesma invoco... Não há como duvidar de que uma teoria da cultura, fundada no dever de aceitação da castração simbólica, cumpre o desiderato da histórica: *por meu amor cederás tua potência, até que já não me possas possuir, vingada eu e para sempre infeliz...*

Numa palavra, a alta teoria, enquanto perspectiva histórica da Psicanálise, recomenda utilizar os procedimentos próprios a cada etapa do seu desenvolvimento, a fim de desnudar as implicações respectivas; suponho que o leitor atento não terá deixado de notar que a pseudo-interpretação acima é um exemplar do mesmo discurso psicanalítico barroco que denuncia, só por isso constituindo uma interpretação. Como em qualquer outra interpretação psicanalítica, a eficácia da ruptura decorre em grande parte da evocação por mimetismo, o qual não se deve limitar ao estilo do argumento, mas abarcar o estilo da linguagem. O campo que se rompe, nesse caso, não é só o da teoria imobilizada em doutrina, mas o do procedimento interpretativo da época, que, ao ser reaplicado a si próprio, evidencia suas contradições. Naturalmente, o mesmo processo pode ser repetido com qualquer outra teoria e, quantas vezes se desejar, aos resultados de uma aplicação anterior. Como diria Freud: “interpretação não é argumento”. Trata-se, por conseguinte, de identificar a região em que se formam as teorias, semeá-la e pô-la em produção, para que, demonstrado inúmeras vezes o processo gerativo, perca-se de uma vez por todas a ingênua fé nas reificações teóricas. O que no fundo, como é óbvio, ninguém deseja, sendo essa a mão fechada da usura.

Lê-se em Mallarmé: *UNE CONSTELLATION / froide d'oubli et de désuétude / veillant doutant roulant brillant et méditant*. Que são constelações? São pontos de vista do céu, estrelas afastadíssimas no espaço e no tempo da emissão de luz, mas que nos servem de guia. O Mestre de Mallarmé é aquele que abre mão de si e deixa-se rolar em dados. No poema, o *Número* resultante indicava a Ursa. A qual constelação corresponderá hoje o resultado para a Psicanálise? Talvez ao Cinturão de Órion, quem sabe às Três Marias? Quando a nau está desarvorada, no naufrágio, quando *caem a vela e a pena*, ninguém, abaixo ou acima de qualquer equador teórico, pode arvorar em rumo seu ponto de vista, sem antes o fazer rolar, descobrir o *Número* e a que elevada conjunção pode corresponder. Porém, como os dados que se lançam são a própria vida, segue-se que, num momento dado, o *Mestre* de Mallarmé é *Ninguém*. *Toute Pensée émet un Coup de Dés.* ■

NOTAS

- 1 A literatura, reino análogo da Psicanálise, no sentido em que a matemática é o reino análogo da física, é o lugar onde as operações geradoras se dão, onde se semeiam as psicanálises possíveis. Cf. F. Herrmann, “A ficção freudiana” in *A infância de Adão*, Ed. Casa do Psicólogo, São Paulo, 2002, cap. 1.
- 2 F. Herrmann, “Análise didática em tempos de penúria teórica”, trabalho apresentado ao Congresso Brasileiro de Psicanálise, 1997. “Training analysis at a time when theory is in short supply”, *Int. J. Psycho-anal.*, vol. 82, part 1, 2001, p. 57 a 69.
- 3 Sobre este e os demais conceitos da Teoria dos Campos que aqui comparecem, ver, por exemplo, F. Herrmann, *Introdução à Teoria dos Campos*, Ed. Casa do Psicólogo, 2001.
- 4 A exploração da alta teoria apenas começa. Certas noções freudianas, na maioria apenas implícitas, como a de realidade (não a de princípio de realidade, evidentemente), ou a de tempo da transferência, em relação ao tempo suposto pelas fábulas antropológicas, como a da horda primitiva ou da filogênese, antecipam-na. Cumpre não confundir alta teoria com Teoria dos Campos, que a explícita.